



Desvendando imagens: sonhos de um sujeito cego

Unraveling images: dreams of a blind subject

Gilvan de Melo Santos^[a], Inácia Hosana Feitosa^[b], Mayara Cristina de Araújo Dantas^[c], Najara Mirella Cordeiro do Nascimento^[d]

Resumo

O estudo dos sonhos é um dos temas clássicos da Psicologia, sendo sempre tema de diversas teorias que versam sobre a psique humana. Nesta pesquisa, trabalhamos com a Logoteoria de Viktor Frankl que, em sua ontologia, incluiu, além das dimensões biológicas e psíquicas, a dimensão espiritual. Nesta perspectiva, os sonhos não contêm apenas manifestações inconscientes, mas também expressões da voz da própria consciência. De natureza qualitativa, este estudo teve como corpus relatos de sonhos de um portador de deficiência visual, por meio do qual se fez um estudo de caso simples, segundo Robert Yin (2003). Como coleta de dados optou-se pelo diálogo socrático, técnica que faz emergir detalhes dos episódios oníricos. Privilegamos nesta análise as categorias sentimentos, símbolos e atitudes do sujeito, representados na diegese onírica. Em relação à simbologia, comprovamos a existência dos símbolos nuvens, avião e a pipa (o jogo), representando a dualidade ascensão/queda e a autotranscendência. Sobre os sentimentos, constatamos a presença da angústia, manifestação primária da condição humana, e a tranquilidade, como sobressalto da consciência frente às dificuldades inerentes à existência humana. No que tange às atitudes, estas confirmaram a liberdade de escolha e responsabilidade pelo próprio destino do sonhador. Assim, pôde ser apresentado um modelo de leitura dos sonhos de um sujeito cego, proporcionando uma nova compreensão do imaginário onírico por meio do qual, não se destacando as imagens icônicas comumente verificadas em sonhos de videntes, sobressaíram imagens mentais e a voz da consciência.

Palavras-chave: Imagens. Sonhos. Cegueira.

Abstract

The study of dreams is one of the classic themes of the Psychology, and it is always the theme of several theories about the human psyche. In this research, we worked with the Logotherapy of Viktor Frankl that included in its ontology, besides the biological and psychic dimensions, the spiritual dimension. In this perspective, the dreams do not just contain unconscious manifestations, but also expressions of the voice of the own conscience. This study of qualitative nature had as corpus reports of dreams of a bearer of visual deficiency, through which it was made a study of simple case, according to Robert Yin (2003). We chose to use the Socratic dialogue as data collection, a

^[a] Doutor em Linguística, psicólogo e professor da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB – Brasil, e-mail: gilvanmusic@gmail.com

^[b] Especialista em Linguística, graduada em psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB – Brasil, e-mail: inaciafeitosa@gmail.com

^[c] Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB – Brasil, e-mail: mayaradantas_ac@hotmail.com

^[d] Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB – Brasil, e-mail: najara.mirella@gmail.com

Recebido: 06/03/2012
Received: 03/06/2012

Aprovado: 13/03/2012
Approved: 03/13/2012

technique that makes details of the dreamlike episodes emerge. In this analysis we privileged the categories feelings, symbols and attitudes of the subject, represented in the dreamlike diegesis. Regarding the simbology, we proved the existence of the symbols clouds, airplane and the kite (the game), representing the duality rise/fall and the self-transcendence. On the feelings, we verified the presence of anguish, primary manifestation of the human condition, and peacefulness, as an upsurge of the consciousness facing the inherent difficulties to the human existence. Regarding the attitudes, these confirmed the freedom of choice and responsibility of the dreamer for his own destiny. A model of reading of dreams of a blind subject could be presented, providing a new understanding of the imaginary dreamlike through which, the iconic images were not highlighted, as it is commonly verified in dreams of seers, however, mental images and the voice of the consciousness were.

Keywords: Images. Dreams. Blindness.

Introdução

O estudo dos sonhos é um dos temas clássicos da Psicologia, sendo sempre de grande importância para a compreensão profunda da psique humana. Grandes estudiosos, desde a antiguidade à psicologia do século XX, buscaram entender os significados dos símbolos representados no processo onírico.

Em *Oneirocriticon* (A interpretação dos Sonhos) de 150 d.C., Artemidoro de Daldis chegou a analisar mais de 3.000 sonhos, observando neles aspectos tanto do passado, quanto do presente e do futuro (A. Novaes, 2001; Santos, 2001). No século XX destacaram-se Sigmund Freud, Carl Jung e Viktor Frankl, teóricos que desenvolveram pesquisas diferentes sobre os sonhos, que põem em evidência o processo onírico como a “via régia do inconsciente” (Freud, 1905). Freud (2001), de forma pioneira, relacionou os sonhos a desejos sexuais primitivos e reprimidos, normalmente tecidos por tramas disfarçadas. Jung (2008) observou que os sonhos não se apresentavam apenas como um mistério ou disfarce, mas como uma linguagem passível de análise e explicitamente legível aos olhos do analista; ele também enfatizou a presença de imagens oriundas tanto do inconsciente individual quanto do inconsciente coletivo. Frankl (2003), por sua vez, referiu-se ao sonho como um caminho aberto ao inconsciente espiritual cuja consciência, inserida no sonho, funciona como um órgão que contribui para que o paciente encontre o sentido para a sua vida.

Seja qual for a teoria estudada, todos os autores pretendiam conhecer o mundo inconsciente e a dinâmica inconsciente-consciente a partir do processo

onírico. No transcurso desses dois últimos séculos, os focos de análise se apresentaram de acordo com as necessidades dos pesquisadores. Kant, 1764 (citado por Freud, 2001) estudou a relação entre sonho e loucura; Freud (1905) aprofundou a relação entre sonho e desejo; Jung (2008), entre sonho e processo de individuação; Frankl (2003) e Izar Xausa (2003) entre sonho e busca do sentido.

Entretanto, não há registro de pesquisas sobre a relação entre sonho e cegueira, pois sendo o sonho uma manifestação do inconsciente registrado por meio de imagens, pouco se constatou sobre o que chamamos de “imagens sensitivas”, produzidas pelo sonhador cego.

A pesquisa que gerou o presente trabalho insere-se, então, nesta lacuna, abrindo-se à investigação científica deste objeto, visando perceber, acima de tudo, a abertura do sujeito cego para o mundo (processo de autotranscendência), a partir de seus relatos, motivados pelo processo onírico por ele vivenciado.

Considerando aquele que mais apresentou episódios oníricos, entre 13 estudos de caso analisados em uma pesquisa realizada na Universidade Estadual da Paraíba, intitulada *Sonhos de sujeitos cegos: estudos de caso à luz da logoterapia de Viktor Emil Frankl*, conforme relatório apresentado em novembro de 2011 (Dantas, Feitosa, Nascimento & Santos, 2011), o texto que se apresenta tem como objetivo analisar episódios oníricos de um sujeito portador de cegueira congênita, conseqüentemente, sem registro de imagens icônicas. Para tanto, identificamos os símbolos, a atitude e o sentimento relatados pelo sonhador.

Método

Aportes Teóricos-epistemológicos

Do ponto de vista teórico-epistemológico, a pesquisa teve como aporte a Logoterapia e Análise Existencial do psicólogo vienense Viktor Emil Frankl (1905-1997), sempre em diálogo com outras visões teóricas possíveis, tais como a antropologia do francês Gilbert Durand (1921-2012) e a psicologia analítica do suíço Carl Jung (1875-1961).

A Logoterapia trata-se de uma abordagem psicológica que “objetiva investigar a busca e a realização do ser humano pelo sentido da vida e oferecer uma explicação da existência” (Frankl, 1990b, citado por Aquino, 2011, p. 44). *Logos*, no contexto desta abordagem, refere-se ao termo “sentido”, sendo a logoterapia a psicoterapia que possibilita o encontro da pessoa com o sentido da existência humana e sua vivência no mundo. Diferentemente das duas primeiras escolas de psicoterapia de Viena, a Psicanálise de Sigmund Freud (1956-1939) e a Psicologia Individual de Alfred Adler (1870-1937), que reduzem o ser humano às dimensões biológica e psíquica, Viktor Frankl criou um novo paradigma sobre a natureza do homem e sobre a dinâmica consciente-inconsciente, apresentando o indivíduo em três dimensões: psique – corpo – *noos* (espiritual). Para ele, os fenômenos mais altos que transcendem a dimensão psicológica pertencem à dimensão noética. (Lukas, 1989).

No processo logoterapêutico é trazido ao consciente não somente a impulsividade reprimida revelada nos recônditos do inconsciente por fenômenos profundos oriundos da impulsividade instintiva, mas também fenômenos oriundos da dimensão espiritual. Para Frankl (2003), os sonhos são manifestações, por excelência, da intencionalidade da consciência, capazes de orientar o sonhador em direção ao sentido que se lhe apresenta.

Frankl parte da premissa de que os sonhos são também uma via de manifestação do inconsciente espiritual, compreendendo espírito como *noos* (espírito na visão grega), que corresponde a “fenômenos, como por exemplo, afetos, amor, vontade de sentido, ideais, valores, fenômenos intelectivos, racionais e intuitivos, enfim, toda a gama da criatividade humana, incluindo mitos, conceitos religiosos, fé, manifestações místicas, etc” (Xausa, 2003, pp. 48-49).

A Logoterapia esclarece também sobre a existência dos valores criativos, vivenciais (ou experienciais) e de atitude, caminhos que podem conduzir o sujeito à descoberta do sentido da vida. Os valores criativos relacionam-se à atividade e ao trabalho (o que se faz); os valores vivenciais relacionam-se às experiências estéticas, relacionamentos afetivos etc. (com que ou com quem se relaciona); e os valores de atitude relacionam-se ao posicionamento do sujeito frente aos determinismos e condições imutáveis: culpa, sofrimento e morte. De maneira particular, os valores de atitude remetem-se ao que uma pessoa faz diante do sofrimento (Frankl, 1978).

Na analítica de Jung, dois tópicos de sua teoria merecem destaque: primeiro, o sonho quer dizer sempre algo específico do inconsciente e traduz, exatamente, “o que o inconsciente (individual ou coletivo) está fazendo com os complexos” (1996, p.78); segundo, o sonho tenta restabelecer a balança psicológica (consciente-inconsciente / ficção-realidade / arte-ciência), “reconstituir o equilíbrio psíquico total e compensar deficiências da personalidade, prevenindo dos perigos dos rumos atuais” (2008, p. 34).

Ampliando o conceito de libido e de inconsciente, Jung não concebe o sonho como “uma forma disfarçada de realização/compensação de desejos”, como afirmou Freud (citado por Garcia-Roza, 1998, p. 63), mas como um “autorretrato do processo psíquico em curso” (Santos, 2001, p. 23), como “compensação do equilíbrio psíquico total” (Jung, 2008, p. 56) ou como “uma expressão específica do inconsciente, não limitado a expressar apenas alegorias sexuais.” (Jung, 2008, p. 30). Neste sentido, ao se ouvir um relato onírico ou ler uma produção pictórica (um desenho, por exemplo), é importante constatar que o que se expõe é o que realmente falta na psique do sujeito.

Em se tratando de entender o significado dos símbolos apresentados nos sonhos analisados, este trabalho recorreu à teoria antropológica de Gilbert Durand, no intuito de investigar associações entre as estruturas simbólicas em questão e a estrutura psíquica do sujeito estudado. Segundo este autor, o imaginário divide-se em regimes diurnos e noturnos, e em estruturas esquizomórficas, antifrásicas e dramáticas (Durand, 2002), cuja função primordial é enfrentar a morte e o tempo. A angústia, sentimento primordial da existência humana, constitui também uma das representações da morte e do tempo (Boss, 1988).

Se fosse possível resumir o estudo das estruturas antropológicas do imaginário segundo Gilbert Durand, dir-se-ia que a estrutura heróica ou esquizomórfica lutaria contra a morte e o tempo; a estrutura mística ou antifrásica engoliria os dois, e a estrutura sintética ou dramática transcenderia a ambos. Visualizados desta forma, compreende-se que o sujeito assume o lugar do herói que se apresenta num sonho, e todo símbolo que se contrapõe a ele, ao herói (trevas, dragão, serpente, vilão, ogro, etc.), pode ser considerado representação da morte e do tempo (Durand, 2002, p. 398-413, citado por Santos, 2009, p. 75).

Método de abordagem

Este estudo de caso fez parte dos resultados da pesquisa intitulada *Sonhos de sujeitos cegos: estudos de caso à luz da logoterapia de Viktor Emil Frankl*, financiada pela UEPB/PIBIC no interstício 2010/2011. Configura-se como um estudo de natureza exploratória, abordando qualitativamente a problemática da análise da linguagem simbólica apresentada em sonhos de um sujeito cego a partir da Logoterapia de Viktor Emil Frankl. Foram observadas, além das imagens simbólicas (no referido estudo de caso, imagens mentais ao invés de imagens icônicas), os sentimentos e as atitudes do sonhador. Sobre a categoria específica das imagens simbólicas salientamos que, nos casos de cegueira congênita como o tratado neste estudo, o inconsciente do sujeito cego cria imagens mentais. Para L. Novaes (2003) e Santos (2009) imagens mentais são imagens que, na ausência de estímulos visuais, podem ser evocadas por meio de uma ideia daquilo que se apresenta ao sujeito, associando o que é visto a estímulos outros como o som, a textura, o cheiro etc.

Campo de investigação

Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste, localizado à Rua João Quirino, nº 22, bairro do Catolé, na cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba.

Corpus de pesquisa

O *corpus* da pesquisa remeteu-se aos relatos de Episódios Oníricos (EO) de um sujeito cego, de nome fictício Gustavo, 23 anos, solteiro, portador de cegueira congênita. Categorizamos Episódios

Oníricos (EO) como sonhos em que não seguiam, obrigatoriamente, uma narrativa de início, meio e fim, sendo considerados também relatos oriundos de recordações isoladas. Os referidos relatos foram gravados com o consentimento do sujeito.

Caracterização da amostra

A maioria da população da pesquisa foi composta por homens, sendo 69,2% da amostra do sexo masculino e 30,8% do sexo feminino. Destes, 66,7% da nossa amostra foram classificados como portadores de cegueira total, sendo os 33,3% restantes da população portadores de baixa visão¹. Sendo Gustavo o sujeito que mais apresentou episódios oníricos, este foi escolhido para ser relatado neste trabalho.

Critérios de inclusão à pesquisa

Foram incluídos na pesquisa sujeitos portadores de deficiência visual, seja ela cegueira total (congenita ou adquirida) ou de baixa visão, frequentadores do Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste; sujeitos de ambos os sexos e com idade diversificada, porém com maioridade civil, moradores da cidade de Campina Grande e circunvizinhanças, com escolaridade também diversificada. A idade da amostra variou entre 22 e 64 anos, e Gustavo atendeu a estes critérios.

Instrumentos de coleta de dados

Ficha de identificação

Reúne informações pessoais e sociais relacionadas à vida do sujeito.

Anamnese

São perguntas referentes à vida do sujeito entrevistado para, a partir das informações obtidas, traçar um histórico relacionado à sua perda de visão e sua inserção no Instituto, assim como aspectos gerais e específicos relacionados ao seu processo onírico.

¹ Em relação ao tipo de cegueira, dividimos e nomeamos as diversas variações em três categorias: cegueira total congênita (não possui acervo de imagens icônicas), cegueira total adquirida (possui acervo de imagens icônicas) e baixa visão (possui acervo de imagens icônicas).

Entrevista espontânea

Segundo Yin (2005, p. 117), neste tipo de entrevista pode-se “indagar dos respondentes-chave tanto os fatos relacionados a um assunto quanto pedir a opinião deles sobre determinados eventos, podendo até mesmo pedir que o respondente apresente suas próprias interpretações.”

Diálogo socrático

Técnica que o analista existencial utiliza para pôr o interlocutor em contato com a sua dimensão noética a fim de que seja posto à sua consciência detalhes dos seus episódios oníricos (Fabry, 1990). Sobre esta técnica, esclarece Aquino (2011):

“o diálogo socrático [...] previne o terapeuta da diretividade, ajudando apenas ao paciente a desvelar o seu dever-ser que ele mesmo sabe através de sua consciência intuitiva, mas que ignora, pois a resposta sobre o sentido se encontra latente nas situações.” (pp. 86-87)

Procedimentos metodológicos

Por meio das fichas de identificação e anamnese foram selecionados 39 portadores de deficiência visual, em um universo de aproximadamente 150 sujeitos. Com base em dados das entrevistas foram identificados 130 episódios oníricos, priorizando 21 sujeitos para a realização de estudos de caso. Pelo critério de saturação, por meio do qual “o pesquisador fecha o grupo quando, após as informações coletadas com certo número de sujeitos, novas entrevistas passam a apresentar uma quantidade de repetições em seu conteúdo” (Turato, 2003, p. 363), reduzimos a amostra a 12 estudos de caso que apresentaram dados relevantes para os objetivos da pesquisa. No intuito de aprofundar dados coletados das entrevistas, foi aplicada a técnica do diálogo socrático, pondo em destaque sentimentos, símbolos e atitudes dos sujeitos, categorias representadas na diegese onírica. Para este trabalho apresentamos as discussões mais relevantes de Gustavo, sujeito com o maior índice de episódios oníricos, descartando aqui a possibilidade de tornar tais discussões objeto de generalização de toda a referida pesquisa.

Posicionamento ético

A orientação ética da pesquisa está regulada pelas Diretrizes e Normas de Pesquisa em Seres Humanos, mediante a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, estabelecida em outubro de 1996. Para isso, o presente estudo está aportado nos princípios éticos por meio da utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que comprova o livre direito de participação na pesquisa, garantindo-lhe o sigilo de sua identidade e assumindo, desta forma, uma postura legal em que não há nenhum tipo de influência sobre a vontade e a decisão do referido sujeito da pesquisa e do Termo de Autorização Institucional, para formalizar o consentimento dado pelo responsável do Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste.

Resultados

O Caso Gustavo

Gustavo (nome fictício), homem de 23 anos, solteiro, tem cegueira congênita por problemas de catarata e agravados na infância por sarampo e captopora, de acordo com informações dadas pelo mesmo. Seus sonhos não têm imagens icônicas.

EO 1 – Sonho do Avião

A viagem foi de avião, eu imaginei que eu ia também pra São Paulo e que *tava* chovendo muito. O avião, ele subia, subia, só que ninguém via nada, só escuro, até as pessoas que *tavam*, que se dizem normal, dizendo que enxergam, diz que num *tava* dando pra enxergar nada, que *tava* tudo escuro. Eu só conseguia não enxergar, mas ter uma certeza, uma precisão dos movimentos do avião. Eu sabia que ele ficava tentando se livrar das nuvens, mas *tava* muito turbulento mesmo, *tava* muito nublado mesmo. Às vezes, dava até uma sensação de que a gente ia cair. Ia acontecer alguma... só que graças a Deus deu tudo certo. Ele fazia uns voos assim (gestos indicativos), de repente ele descia de uma vez, bruscamente, que a gente chegava até a cair da poltrona, de repente ele estabilizava, depois subia fazendo um zig zag estranho... mas aí, (...) eu me acordei muito assustado, mas só que eu

já *tava* sonhando com a viagem de volta dos meus pais pra o interior, porque eles foram pra São Paulo, foi uma viagem tranquila. E depois eu sonhei. Conteí até à minha mulher (à época o sujeito era casado), quando minha mãe voltou ela contou que a viagem tinha sido da forma que eu sonhei sem eu contar a ela, tá entendendo?

[...]

A gente conversava com o piloto, com o copiloto e ele dizia pra a gente não ter medo, manter a tranquilidade, que isso ali era normal, mas só que eu tinha consciência de que outras viagens que eu tinha feito, que num era daquela forma. E eu ficava bastante preocupado, só que eu também pedia pras pessoas terem tranquilidade. Manter a calma que tudo ia se resolver. A gente, enfim, a gente dava uma descida bem brusca, quando a gente ia subindo e fazendo aquele zig zag, colocaram assim na mente que a gente ia sair de órbita, ia ultrapassar a atmosfera e de repente eu acordei bem assustado, quando mais ou menos *tava* acabando o oxigênio.

[...]

...é uma sensação que eu realmente não tinha passado antes e espero não passar, porque é angustiante. É o seguinte: ele colocou o bico pra cima, ao ponto da encosta ficar como se fosse o assento e a parte que você senta já ser o contrário, já ser a encosta. A gente virava mesmo e ficava, a gente tentava colocar o pé pro outro lado, ou seja, agora a gente *tava* com o pé na cabeça do outro, só que eu tentei ficar na minha mesma posição, eu: – Não! Vou me segurar por aqui *pra mim* ver no que é que vai dar. Ele colocou o bico pra cima e subiu e ia pra direita e pra esquerda e ia subindo, subindo, pra direita e esquerda e subindo e aquele tremor, aquela sensação de trepidação. Mas eu num sei se as pessoas chegaram a mudar a posição pra formar melhor a segurança deles ou num sei. Como eu disse: *tava* tudo escuro, ninguém conseguia, todo mundo nervoso. Eu só me lembro, mesmo, da minha pessoa e do piloto *conversar*, eu conversava muito com o piloto e algumas pessoas *dava* até uma sensação como se tivessem dormindo ou então muito impressionadas, nervosas ou desmaiadas com o episódio, mas foi muito ruim mesmo.

EO 2 – Sonho do Giro Sentado

Pronto eu tenho também outros sonhos que eu aqui numa sala que tem aqui só de apoio, um laboratóriozinho, aí eu sento, os meninos lá tudo no computador brincando, o professor elaborando alguma coisa lá e tal ou agilizando algum documento de benefícios pra gente em relação ao time né? Questão de inscrever a equipe no campeonato ou passar alguma declaração aí eu sento e começo a rodar com as mãos no chão só apoiado nas nádegas né? Aí daqui a pouco não para mais, eu quero parar e não para mais. Para professor aqui, que eu não consigo parar mais não e cadê e nem o professor com medo de chegar perto pra não se machucar.

EO 3 – Sonho do Giro em Pé

(...) e em pé também, muitas vezes isso acontece, eu vou dar uma rodadinha pra, como a gente faz assim em certos movimentos assim meditando e tal aí de repente o cara, eu passo e não para mais, brincando às vezes também aí não para mais aí assim se joga no chão, aí pronto, se jogando no chão para, quando eu *tô* rodando em pé, aí me jogo no chão e para, mas só é eu me levantar e começa de novo. Aí eu num sei o que quer dizer isso não.

EO 4 – Sonho da Pipa

[...] outra vez eu sonhei assim, eu ia empinar pipa aí a pipa subia comigo e com tudo aí eu fiquei com medo aí eu fazia assim, antes de eu descobrir né? Eu soltei a pipa, sabe? Aí eu caí no chão em pé, eu *tava* mais ou menos na altura de uma casa aí eu caí em pé aí a pipa foi e voltou, aí digo *oxente!* Aí quando ela voltou aí eu digo: eu num vou pegar de novo aí peguei e ela subiu comigo aí eu digo rapaz, *oxe* como é que pode... aí eu soltei de novo...

EO 5 – Sonho dos Dentes

[...] Eu sonhei que eu subia na parede assim, as portas mais ou menos estreitas né, pertinho uma da outra, aí eu me apoiava, ia subindo a mão, ia subindo o pé, como se fosse uma escalada, aí de-

pois eu apertava os dentes, soltava da parede e tava voando.

[...] de vez em quando meu irmão também tinha uma coisa de sonhar voando, aí ele apertava os dentes aí voava, quando ele posicionava os dentes de cima pra frente, ele ia pra frente, aí quando igualava assim os dentes que apertava aí subia, aí quando queria ir pra direita, apertava pra direita, quando queria vir pra esquerda, assim... quando era pra trás aí os dentes de cima ficavam atrás dos de baixo.

Discussão

EO 1 – Sonho do Avião

O sonho de Gustavo remete a uma situação vivenciada por seus pais, que no episódio onírico passou a ser vivenciada por ele. A motivação do sonho partiu de sua preocupação, conforme suas próprias palavras: “eu acho que foi só questão de preocupação mesmo, só como eles *tavam* pra viajar e *tava* chovendo, eu coloquei aquilo na mente. Como diz o meu pai: eu encuquei, aí veio a resposta”. Embora a motivação seja um dado importante, a relevância maior será sempre do sonho em si, visto que para a Análise Existencial o fenômeno do sonho, da forma como se apresenta, seja constituído de elementos do inconsciente instintivo ou do inconsciente espiritual, é o objeto mais importante de análise.

De acordo com a psicologia analítica, todas as imagens que aparecem no sonho são partes da psique humana do próprio sonhador, são metonímias do estado psíquico da pessoa, ou seja, todo e qualquer sonho tem uma relação de proximidade com a estrutura psíquica do sonhador (Jung, 2008). Embora, muitas vezes, não seja uma relação de fácil identificação *a priori*, pode-se reconhecer, utilizando-se da simbologia, das atitudes e sentimentos apresentados, uma conexão entre o que aparece em cada episódio e o que o sujeito está, inconscientemente, elaborando. Assim, ao considerarmos alguns aspectos, acrescidos das observações do próprio Gustavo, perceberemos que essas relações tornam-se mais evidentes.

Como se sabe, um dos códigos da linguagem dos sonhos são os símbolos, constituindo assim um material pelo qual se pode chegar a uma “suposta

leitura” ou a uma hermenêutica do sonho. Neste episódio onírico tem-se a incidência de dois símbolos: o avião e as nuvens. Há uma constante referência sobre o deslocamento do avião para subidas repentinas, da mesma forma que também há referência para descidas abruptas. Tem-se aqui um único símbolo – o avião – que ora remete à ascensão, ora à queda. De acordo com os estudos do imaginário segundo Gilbert Durand (2002), os símbolos que remetem a subidas, elevações, verticalizações, são símbolos denominados ascensionais e aqueles que remetem a abismos, descidas, quedas, são os símbolos catamórficos. Essa verticalização tem relação com a própria verticalização do homem, com sua postura ereta, com algo que mostra estabilidade. Durand (2002, p. 145) dirá que “[...] os símbolos ascensionais aparecem-nos marcados pela preocupação da reconquista de uma potência perdida, de um tônus degradado pela queda”. Já os símbolos catamórficos estão ligados à “angústia humana diante da temporalidade”, comumente representados pela agitação, trevas, abismos e infernos (Durand, 2002, p. 111).

É importante perceber que, embora não existam imagens icônicas nos sonhos de Gustavo, há, porém, imagens mentais, construídas a partir de representações advindas dos outros órgãos de sentido. Comprovamos tal afirmativa através de seu próprio discurso, ao dizer:

Eu só conseguia não enxergar, mas ter uma certeza, uma precisão dos movimentos do avião. [...] Ele colocou o bico pra cima e subiu e ia pra direita e pra esquerda (...) e aquele tremor, aquela sensação de trepidação. [...] A gente virava mesmo e ficava, a gente tentava colocar o pé pro outro lado, ou seja, agora a gente “tava” com o pé na cabeça do outro.

Na primeira sentença é observado que Gustavo é ciente da inexistência, para ele, de imagens icônicas. Entretanto, nas segunda e terceira afirmativas, ele demonstra que por meio de outros órgãos do sentido (sensação corporal e tátil) é possível compor o sonho com infinidade de detalhes. Comprovamos, então, que por meio dessas sensações produzidas no sonho de Gustavo foi possível identificar os símbolos ascensionais e catamórficos.

Também em relação a essa dualidade – ascensão/queda – presentes em sonhos, Jung (2008) comenta:

[...] pessoas com ideias pouco realísticas, ou que têm um alto conceito de si mesmas, ou ainda que constroem planos grandiosos em desacordo com a sua verdadeira capacidade, sonham que voam ou que caem. O sonho compensa as deficiências de suas personalidades e, ao mesmo tempo, previne-as dos perigos dos seus rumos atuais. (p. 49).

Inicialmente, com base em tais teorias e relatos do próprio sujeito, pode-se aferir que a ascensão simboliza a busca compensatória de superação dos limites impostos pela cegueira, ao passo que a queda simboliza a existência desses limites. Para a Logoterapia e Análise Existencial, a dualidade ascensão/queda remete à expressão da resistência do espírito frente aos limites da condição prisioneira do determinismo biopsíquico, o que Frankl (1978) chama de antagonismo psicoonético.

Neste processo compensatório, a ascensão pode também representar o processo de autotranscendência proposto por Frankl, em detrimento do fechamento psíquico motivado pela busca do prazer (proposta psicanalítica de Freud), pela busca do poder (proposta da psicologia individual de Adler), pela busca da individuação (proposta da psicologia analítica de Jung) ou pela busca da autorrealização (proposta da psicologia humanista de Maslow, Rogers e outros).

Outro símbolo presente no EO 1 é a nuvem. Ela insere-se na categoria dos símbolos nictomórficos que correspondem às trevas, à escuridão (Durand, 2002). Gustavo relata que embora não tenha exatidão visual do que é escuro ou claro, associa nuvens ao tempo nublado e à escuridão.

No sonho: “Eu sabia que ele (o avião) ficava assim, tentando se livrar das nuvens, mas *tava* muito turbulento mesmo, *tava* muito nublado mesmo.”. Ao ser questionado sobre sua noção de escuridão, o sujeito responde:

Essa história de escuro é assim, o seguinte: meu subconsciente, ele diz pra mim o seguinte: (...) se tá escuro na hora lá, é questão de nublado. [...] essa noção de escuro é quando alguém diz pra mim, apagou-se a luz, tá tudo escuro. Aí eu associo logo com nublado. Só que eu sei que não tá nublado, porque não houve nada assim, mudança de temperatura ou assim, caiu alguma chuva [...] Eu que já associei, quando o pessoal diz: tá nublado, eu digo: pronto, tá escuro.

De acordo com os relatos acima transcritos, confirma-se a relação associativa entre nuvem, tempo nublado e escuridão, constituindo um isomorfismo imagético proveniente dessa constelação de imagens (Durand, 2002). Mesmo neste caso, não composto por imagens icônicas, essa constelação se estabelece por intermédio de sensações oriundas das experiências cotidianas do sujeito. O símbolo que remete às trevas está ligado também à queda, o que é demonstrado no EO em questão: “Eu sabia que ele ficava tentando se livrar das nuvens, mas *tava* muito turbulento mesmo, *tava* muito nublado mesmo. Às vezes, dava até uma sensação de que a gente ia cair”.

Tais sensações de quedas e trevas são acompanhadas também pelo sentimento de angústia, como se pode observar em discursos do próprio sonhador ao referir-se ao alívio provocado pela constatação de que tudo não passava de um sonho: “(...) e espero não passar, porque é angustiante.”. Pode-se supor que essa angústia advenha da incerteza do que vai ou pode acontecer, da inexatidão das formas (disposições dos assentos no voo) e/ou da única certeza aterradora vivida por Gustavo, a definição temporal: estava tudo escuro. Em sua observação, ele afirma que a escuridão envolvia a todos, tanto as pessoas que eram videntes quanto as pessoas que não o eram, ou seja, o cego, ele mesmo. Segundo Boss (1988), a angústia faz parte da vida do ser humano e em sua essência há o temor pela própria possibilidade de um dia não estar mais aqui, de não mais fazer parte de sua própria história, do não poder mais ser. Assim, Gustavo vivia o terror e o motor da existência humana: a angústia, interposta por isotopismo no espaço simbólico da nuvem, da escuridão, do tempo nublado, da queda e da morte.

É interessante constatar que, tanto na hermenêutica da Logoterapia como na psicologia analítica, não há interpretações generalizadas para cada episódio onírico, uma vez que cabe ao sonhador interpretá-lo. Sob este aspecto, a associação acima descrita (nuvem = tempo nublado = escuridão), não sendo construída por teoria alguma, foi previamente construída pelo próprio Gustavo.

Dando ênfase aos valores de atitude proposto pela logoterapia, entende-se que as atitudes tomadas pelas personagens do sonho seriam de grande importância para se compreender a estrutura psíquica de Gustavo, o que se pode constatar no relato sobre as atitudes dos tripulantes do referido avião: “dava até uma sensação como se tivessem dormindo

ou então muito impressionadas, nervosas ou desmaiadas com o episódio”. No entanto, ao conversar com o piloto e copiloto, profissionais de comando do avião, em que podemos entender como metonímias da consciência do sonhador, elemento de comando da estrutura inconsciente segundo Frankl (2003), o sonhador tem a liberdade e a responsabilidade para escolher qual atitude tomar diante do destino imutável apresentado no sonho, optando por uma conduta diferente dos demais:

A gente conversava com o piloto, com o copiloto e ele dizia pra a gente não ter medo, manter a tranquilidade, que isso ali era normal, mas só que eu tinha consciência de que outras viagens que eu tinha feito, que num era daquela forma. E eu ficava bastante preocupado, só que eu também pedia pras pessoas terem tranquilidade. Manter a calma que tudo ia se resolver. [...] eu: Não! Vou me segurar por aqui *pra mim* ver no que é que vai dar.

Observa-se que a interlocução entre sonhador e piloto, aferida tanto a partir da aproximação linguística entre os termos (piloto, copiloto e consciência) como da constatação frankliana por meio da qual a consciência é o órgão de comando do inconsciente, provocou uma atitude de enfrentamento da situação angustiante vivenciada pelo sujeito no sonho. Segundo Xausa (2003), “[...] a pessoa será sempre responsável por sua própria conduta, ainda que sua liberdade pessoal esteja fortemente limitada, pois exigirá de si mesmo uma resposta a um chamado dentro de uma determinada situação de vida” (p. 105).

A atitude de Gustavo expressa, entre outras conclusões, que ele “deu ouvidos” à voz da sua consciência, utilizando a sua liberdade de escolha, mostrando-se como sujeito ativo perante o seu destino.

EO 2 e EO 3 – Sonho do Giro Sentado e Sonho do Giro em Pé

Em ambos os episódios, o giro descontrolado em torno de si mesmo, seja sentado ou em pé, expressa a tentativa do sonhador de sair do fechamento em direção à autonomia. Recorrência da situação de queda ou evidência do mito do eterno retorno, também tais giros dramatizam a luta do sujeito pela solução do sintoma da impotência. Mais uma vez a vivência da dualidade ascensão/ queda.

Na observação realizada por Gustavo a respeito da sensação de voar, ele afirma:

Eu gosto de voar, agora só fico com medo de cair né? Eu fico com medo de cair, mas eu acho muito bom, voar é bom demais assim no vento, sem ninguém pegar e quando as pessoas vêm assim pro meu lado, que querem fazer o mal aí eu voo e pronto, eu rio deles.

Isso confirma a questão da autonomia, assim como da procura por segurança gerada pelo medo de uma exposição constante ao perigo iminente. Observam-se estas evidências também nos episódios 4 e 5.

EO 4 e EO 5— Sonho da Pipa e Sonho dos Dentes

Esse exercício de autonomia costuma dar uma sensação agradável ao sujeito cego que sonha. O “ficar em pé” aproxima esse episódio onírico do sonho do giro. Se neste, o giro traz angústia porque representa a falta de controle do sujeito, a subida com a pipa, semelhante ao voo, dá a sensação de liberdade, conforme também observa-se no episódio dos dentes.

O voo também assume o lugar da autotranscendência, uma vez que o ato de voar traz liberdade e autonomia ao sujeito cego, o faz abrir-se ao mundo. Neste aspecto, Frankl (1978) usa a metáfora do olho para demonstrar que da mesma forma que este órgão, a pessoa só encontra o sentido quando se abre ao mundo, e quando isto não acontece é porque se está doente, tal como o sintoma da catarata. Contrapondo-se a esta suposta escuridão é que o sujeito cego expressa, comumente, a atitude compensatória de voar, ou seja, autotranscender.

Os episódios 4 e 5 representam a busca de autonomia e controle, uma vez que a pessoa cega, conforme verifica-se em relatos de outros sujeitos, sofrem de extrema insegurança, medo de assalto e da sensação de incertezas. Controlar a pipa com as mãos ou controlar o voo com os dentes tem o objetivo de alcançar a autonomia, por meio do voo, da ascensão, motivo recorrente nos sonhos deste sujeito.

Considerações Finais

De acordo com a bibliografia estudada e com o objetivo proposto no início deste trabalho,

analisamos episódios oníricos de um sujeito portador de cegueira congênita, conseqüentemente, sem registro de imagens icônicas. Para tanto, analisamos alguns símbolos, sentimentos e atitudes relatados pelo sonhador.

Em relação à simbologia, comprovamos a existência de símbolos concernentes à vida cotidiana e imaginária do sonhador, tais como nuvens, avião e pipa (o jogo), representando, em sua maioria, a dualidade ascensão/queda e a tentativa de autotranscender e transcender a morte e o tempo, tal como teorizou Gilbert Durand (2002).

No que diz respeito aos sentimentos, constatamos que a angústia acompanha-o até mesmo em seus processos oníricos, corroborando com a teoria da motivação de Viktor Frankl (1978; 1991) e Medard Boss (1988), por meio das quais é a angústia, manifestação primária da condição humana, que mobiliza o *noos* (espírito) a buscar o sentido da vida em cada situação da existência. Outro sentimento evidenciado foi a tranquilidade, representando o antagonismo psiconoético proposto por Lukas (1989) e Frankl (1978), segundo os quais a resistência do espírito contrapõe-se às limitações biopsíquicas enfrentadas pelo sonhador cego.

No que tange às atitudes, estas foram representadas pela capacidade de enfrentamento das situações problemáticas vivenciadas por Gustavo, manifestadas pela liberdade de escolha, responsabilidade e obediência à sua própria consciência.

Além destas comprovações, concluímos também que as imagens icônicas não são as únicas categorias a serem estudadas e analisadas por um pesquisador do processo onírico, uma vez que outros sentidos (tato, audição, olfato, paladar) também podem ser manifestados sob a forma de imagens mentais, desvendando, assim, outras narrativas imagéticas, singulares aos sonhos de sujeitos cegos e pouco percebidas em sonhos de videntes.

Referências

- Aquino, T. A. A. (2011). *Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl*. João Pessoa: Universitária UFPB.
- Boss, M. (1988). *Angústia, culpa e libertação*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- Dantas, M. C. A., Feitosa, I. H., Nascimento, N. M. C., Santos, G. M. (2011). *Sonhos de sujeitos cegos: estudos de caso à luz da Logoterapia de Viktor Emil Frankl*. Relatório Final do Programa de Iniciação Científica UEPB/CNPq, Campina Grande, Paraíba.
- Durand, G. (2002). *As estruturas antropológicas do imaginário*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Fabry, J. (1990). *Aplicações Práticas da Logoterapia*. São Paulo: Cultura Espiritual.
- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Frankl, V. E. (1991). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (2003). *A presença ignorada de Deus*. Petrópolis: Vozes.
- Freud, S. (1905). *A Interpretação dos Sonhos*. São Paulo: Círculo do Livro.
- Freud, S. (2001). *Obras completas: A Interpretação dos sonhos*. Edição comemorativa 100 anos. Rio de Janeiro: Imago.
- Garcia-Roza, L. A. (1998). *Freud e o Inconsciente*. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Jung, C. G. (1996). *Fundamentos de Psicologia Analítica*. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2008). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Lukas, E. (1989). *Logoterapia: A força desafiadora do espírito*. Santos: Loyola.
- Novaes, A. (2001). *Sonhos: Mensagens da Alma*. Salvador: Fundação Lar Harmonia.
- Novaes, L. (2003). *O lugar do narrativo no discurso visual*. Programa de Pós-graduação em Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ. Recuperado de <http://www.users.rdc.puc-rio.br/imago/site/narrativa/producao/luiza.htm>, em 23 de agosto de 2010.
- Santos, G. M. (2001). *Análise dos Sonhos: Uma Investigação Histórica - Do Onírico ao Logos*. Conferência Apresentada no Encontro Comemorativo do Nascimento de Viktor E. Frankl, João Pessoa.

Santos, G. M. (2009). *Escrituras nômades do cangaço: o folheto de cordel como signo motivador do cinema das décadas de 1950 e 1960*. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis: Vozes.

Xausa, I. A. M. (2003). *O sentido dos sonhos na psicoterapia em Viktor Frankl*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso – planejamento e métodos*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman.